

A variação dos *pretéritos perfectos* no espanhol oral de Montevideú

Variation of *pretéritos perfectos* in spoken Spanish from Montevideú

Kevyn de Araújo Silva¹
Valdecy de Oliveira Pontes²

Resumo: O pretérito perfecto do indicativo em espanhol pode se manifestar como *pretérito perfecto simple* (PPS) ou *pretérito perfecto compuesto* (PPC), com variação em seu uso conforme a região. Estudos como os de Kany (1969) e Jara Yupanqui (2013) indicam que, na América Hispânica, o PPS é mais frequente e seu uso se sobrepõe ao do PPC. Esta pesquisa investiga, sob a ótica da Sociolinguística Variacionista, a variação entre PPS e PPC no espanhol oral de Montevideú, a partir de entrevistas do corpus PRESEEA-Montevideú. A análise considera fatores extralinguísticos (sexo, faixa etária e escolaridade) e linguísticos (tipo de verbo, modalidade e tipo de sequência discursiva), com base em autores como Labov (1963, 1978, 1994, 2003, 2008 [1972] e 2010), Givón (1984, 1990, 1995). Os resultados apontam para uma possível mudança em progresso na direção do PPC, condicionada por fatores sociais e linguísticos. Verifica-se que verbos do tipo culminação e a modalidade *irrealis* favorecem o uso do PPC, especialmente entre os falantes mais jovens. A pesquisa reforça a presença significativa do PPC no espanhol falado na América, desafiando a visão tradicional de hegemonia do PPS.

Palavras-chave: *Pretéritos perfectos* de indicativo. Espanhol de Montevideú. Sociolinguística.

Abstract: The *pretérito perfecto* in Spanish can appear as either the *pretérito perfecto simple* (PPS) or the *pretérito perfecto compuesto* (PPC), with usage varying across regions. Studies by Kany (1969) and Jara Yupanqui (2013) indicate that in Hispanic America, PPS is more frequent, and its use overlaps with that of PPC. This research investigates the variation between PPS and PPC in the spoken Spanish of Montevideú through a sociolinguistic approach, using data from the PRESEEA-Montevideú corpus. The analysis considers extralinguistic factors (gender, age group, and educational level) and linguistic ones (verb type, modality, and discourse sequence type), drawing on theoretical frameworks from authors such as Labov (1963, 1978, 1994, 2003, 2008 [1972] e 2010) and Givón (1984, 1990, 1995). The results suggest a possible change in progress toward increased use of PPC, influenced by both social and linguistic variables. The findings show that verbs categorized as achievements and the *irrealis* modality tend to favor PPC, particularly among younger speakers. This research highlights the significant presence of PPC in American spoken Spanish, challenging the long-standing view of PPS dominance.

Keywords: *Pretérito Perfective* of the indicative. Spanish of Montevideú. Sociolinguistics

¹ Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em linguística (PPGLing), Fortaleza, Ceará, Brasil. Endereço eletrônico: kevyn274@gmail.com

² Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em linguística (PPGLing), Fortaleza, Ceará, Brasil. Endereço eletrônico: valdecy.pontes@ufc.br

Introdução

A língua espanhola é considerada uma das línguas mais faladas no mundo, sendo língua oficial em 21 países, além de ter uma comunidade de falantes muito grande mesmo em países que não a falam como oficial, é o caso dos Estados Unidos, por exemplo. Com uma vastidão de comunidades de falantes divididas em vários aspectos, como localização, cultura e história, não podemos desconsiderar as peculiaridades de cada país falante e de cada comunidade de fala.

Vale ressaltar, ainda que, de acordo com Labov (2003), os falantes apresentam variações nas formas linguísticas, conforme o contexto em que ele se insere. E, ainda, que a variação que ocorre em todos os níveis de uma língua é o fator que permite a manifestação dos parâmetros de diferenciação social (López Morales, 2004).

É justamente no contexto da língua espanhola da hispano-américa que temos a cidade de Montevideu, capital e maior cidade do Uruguai e sede administrativa do Mercosul, uma das maiores concentrações de falantes de língua espanhola da América, além de ter uma vasta área urbanizada. Com isso, podemos perceber Montevideu como uma cidade de grande proporção e de presente variedade de pessoas, interagindo linguisticamente diante de uma estrutura linguística mais complexa, a língua espanhola. Tal interação linguística nos traz à luz a variação dos pretéritos perfectos, dentro de seu território.

Tendo em vista tais afirmações, este estudo, caracterizando-se como um estudo sobre os usos dos tempos verbais *pretérito perfecto simple* (PPS) e *pretérito perfecto compuesto* (PPC), deter-se-á na análise do fenômeno de variação dessas duas formas no espanhol de Montevideu.

Essas formas de representação de passado em língua espanhola são tempos verbais do passado em suas formas perfectivas. Assim, cada uma delas apresenta funções diferentes, com usos e valores específicos para a gramática normativa.

Apesar disso, Jara Yupanqui (2013) afirma que ainda que apresentem aspectos distintos, em muitas variantes da língua espanhola, esta distinção entre PPS e PPC não tem muita funcionalidade, até o presente momento. Por outro lado, Charles Kany (1969) pondera que o PPS é mais popular na hispano-américa em comparação ao PPC.

Tais lacunas surgem com a falta de estudos sobre o fenômeno em Montevideu e no Uruguai como um todo. Em buscas mais aprofundadas, até o presente momento não foram encontrados estudos sobre os pretéritos em Montevideu, apesar de alguns autores se deterem em definir o fenômeno na América, como é o caso de Oliveira (2007).

Portanto, esta pesquisa tem como objetivo analisar, à luz de pressupostos sociolinguísticos e por meio das narrativas orais do banco de dados PRESEEA - Montevideu (*Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América*), o fenômeno de variação no passado perfectivo no que tange ao uso do pretérito perfeito simples e do

pretérito perfeito composto do indicativo no espanhol oral de Montevideu, levando em consideração as motivações linguísticas e extralinguísticas.

Também objetiva-se examinar os condicionamentos linguísticos: tipo de verbo, presença ou ausência de marcadores temporais, como por exemplo, *ayer* (ontem) e *este año* (este ano), tipo de oração e modalidade – *realis* x *irrealis* – que motivam uma forma ou outra do passado perfectivo; investigar a atuação dos condicionamentos extralinguísticos: temática, idade e sexo em relação aos *pretéritos perfectos*; analisar os contextos prototípicos de uso de cada uma das variantes dos *pretéritos perfectos* sob análise, considerando o princípio de Marcação.

Expostas as considerações iniciais, a seguir encontra-se a exposição sobre o estudo. A próxima seção trata sobre os pretéritos perfectivos em língua espanhola sob o olhar do complexo TAM (Tempo, Aspecto e Modo). Em seguida, traz-se os procedimentos metodológicos desenvolvidos neste trabalho, seguido pela explicação da fundamentação teórica utilizada como embasamento desta pesquisa. Finaliza-se com a análise do corpus e as considerações finais.

Os pretéritos perfectivos em língua espanhola: um olhar através do complexo tempo, aspecto e modalidade

Como tempos verbais da língua espanhola, o *pretérito perfecto simple* e o *pretérito perfecto compuesto* podem ser observados de diversos pontos; para esta pesquisa, foi escolhido o complexo TAM guivoniano. Assim, usaremos como base as categorias propostas por Givón (1984) para análise de tempo (passado, presente e futuro), aspecto (perfectivo e imperfectivo) e modalidade (*realis* e *irrealis*). A tentativa de separar tais categorias ocorre apenas por meios didáticos, pois, sabe-se que tais categorias são interconectadas, dependendo uma das outras.

Segundo Rojo (1990), a temporalidade linguística é uma categoria gramatical que expressa a orientação de uma situação, referente a um ponto central no fato, chamado de origem, ou referente a outro ponto, que por sua vez, está direta ou indiretamente relacionado com a origem. Esta origem seria um ponto zero com relação a qual se orientam as situações de forma mediata ou imediata, ela coincide, geralmente, com o momento da enunciação, mas não é uma regra que seja assim. O falante tem a capacidade de deslocar a origem para qualquer posição possível.

Para Givón (1984), há de se considerar dois pontos sobre a expressão de tempo: i) sequencialidade e ii) ponto de referência. A primeira faz referência a uma sucessão de pontos, onde cada um tem sua posição fixa na ordem linear, já o ponto de referência é o estabelecimento de um ponto de referência dentro do Tempo linear, no qual o “passado”

antecede e o “futuro” prossegue. Assim, para Givón (1984), o Tempo funciona como pontos dentro de uma sequência linear, que nos daria a noção de precedente e procedente.

Alguns estudiosos da língua já tentaram explicar como funcionam os verbos e seus tempos de conjugação. Andrés de Bello (1964[1847]) foi um dos primeiros a realizar estudos neste âmbito. O autor apresenta os tempos do Indicativo e seus valores os separando em cinco tempos simples (*presente*, *pretérito*, *futuro*, *co-pretérito* e *post-pretérito*) e cinco tempos compostos (*ante-presente*, *ante-pretérito*, *ante-futuro*, *ante-co-pretérito* e *ante-post-pretérito*). Seguindo as explicações do autor, compreende-se o *pretérito* e o *ante-pretérito* sendo, respectivamente, o PPS e o PPC. Seus estudos para a definição dos termos utilizam como parâmetros, principalmente, o momento de fala e o atributo, que seria a ação que ocorre.

A *Real Academia Española* (RAE) (2010), no manual *Nueva gramática de la lengua española*, apoia-se nas definições de Bello, definindo o PPS como:

O *pretérito perfecto simple* localiza uma situação em um ponto da linha temporal que é anterior ao momento da fala. Com CANTÉ as situações se apresentam completas ou acabadas. Deve, pois, se supor que se alcançam os limites inicial e final do evento com os predicados internamente delimitados (RAE, 2010, p. 441, tradução nossa)³.

Além disso, a RAE (2010) refere-se a outros usos e funções para o PPS. Admite, por exemplo, sua perfectividade, o fato/ação do verbo conjugado não faz referências a repetições, como em «*Me lo pidió*» (Pedi-me), que sugere que o fato de pedir só ocorre uma vez. Também se pode utilizar este tempo para demarcar o início de uma ação, temporalmente, no passado, como por exemplo «*Escribió la carta a las ocho*» (Escreveu a carta às oito), demarcando “a las ocho” como início da ação passada.

Com relação ao PPC, a RAE (2010, 438) o define como:

[...] um *ANTEPRESENTE* na terminologia de Andrés de Bello. Este termo expressa ANTERIORIDADE da situação denotada com respeito a um ponto de referência situado no *PRESENTE*, o que o caracteriza como tempo relativo (Tradução nossa)⁴.

Assim como o PPS, também se admite mais outros usos e funções para PPC. A RAE observa que o PPC pode ter um aspecto continuativo, como em «*Las han empleadas durante siglos*» (Foram empregadas durante séculos)⁵, quer dizer, o fato de “*emplear*” está inserido

³ Original: “El pretérito perfecto simple localiza una situación en un punto de la línea temporal que es anterior al momento del habla. Con CANTÉ las situaciones se presentan completas o acabadas. Debe, pues, suponerse que se alcanzan los límites inicial y final del evento con los predicados internamente delimitados” (RAE, 2010) (Grifo do autor).

⁴ Original: “[...] un ANTEPRESENTE en la terminología de Andrés de Bello. Este término expresa ANTERIORIDAD de la situación denotada con respecto a un punto de referencia situado en el PRESENTE, lo que lo caracteriza como tiempo relativo” (RAE, 2010, 438) (Grifo do autor).

⁵ Não há correspondente linguístico para o *Pretérito Perfecto Compuesto* em língua portuguesa, o que justifica a utilização de uma forma ou outra nas traduções, dependendo do contexto utilizado. Em Espanhol,

em passado, mas tem características que o leva até uma marcação futura antes da zona temporal do falante.

Por outro lado, construções como «*Así ha sido hasta ahora*» (Assim foi até agora) podem ter duas interpretações, sendo uma delas que o fato de “*ser*” continua sendo assim, e a outra em que o fato já deixou de ser assim. Tais construções acrescentam ao PPC o caráter de *aberto*, levando em consideração que deixa a ação aberta para mais uma interpretação.

Matte Bon (1995) utiliza as nomenclaturas *pretérito indefinido* e *pretérito perfecto* como representação, respectivamente, de PPS e PPC em sua *Gramática Comunicativa del Español*. Para o autor, o *pretérito indefinido* é, sem dúvidas, o que mais carrega problemas de marcação temporal, o definindo como “estritamente relacionado com o passado com respeito ao momento da enunciação, e se utiliza para informar sobre fatos passados” (Matte Bon, 1995, 19) (Tradução nossa)⁶

Já sobre o *pretérito perfecto*, segundo Matte Bon (1995, 112) “o enunciador emprega o *pretérito perfecto* quando não lhe interessa contar o fato a que se refere em si, se não tão somente na medida que está em relação com o tempo presente” (Tradução nossa)⁷. Assim, por exemplo, em «*¿Has visto a Belén?*» (Viu a Belén?) seria uma paráfrase de «*Actualmente, ¿tienes visto a Belén en pasado?*». (Atualmente, tem visto a Belén no passado?). Este último exemplo pode ser confuso, mas simboliza uma ação atual, que tem reflexo do passado, por isso, utiliza-se de *actualmente* e *pasado* na mesma construção.

A RAE (2010) também teve a preocupação de distinguir algumas zonas linguísticas para o uso do PPC. Mostrando que, em regiões das zonas central e meridional da Espanha, costa peruana, andina boliviana e colombiana, noroeste da Argentina, Cuba e zonas de área antilhana registra-se o uso do PPC com o valor de antepresente. Por outro lado, no México, na maioria dos países da América Central, parte do Caribe e da Venezuela, utiliza-se o PPS como ação terminada no passado, como por exemplo «*Hoy estuvo más tranquilo*» (Hoje esteve mais tranquilo) e o PPC para ação que se iniciou no passado, mas que dura até o momento presente, como em «*He vivido aquí desde que nació*» (Vivo aqui desde que nasci)

Ainda que haja divergência de opiniões sobre o caráter perfectivo do PPC, alguns autores, como Lope Blanch (1961) e Moreno Alba (1978), defendem que seja imperfeito, utilizando seus estudos com o espanhol mexicano, em que é possível encontrar valores durativos e iterativos, característica de formas imperfectivas.

usa-se o PPC para expressar um evento que se prolonga até o presente; em português, o PPS pode ter este valor quando acompanhado por adjuntos (Matte Bon, 2010; Gutiérrez Araus, 1997; Barbosa, 2003).

⁶ Original: “estrechamente relacionado con el pasado respecto al momento de la enunciación, y se utiliza para informar sobre hechos pasado” (Matte Bon, 1995, 19).

⁷ Original: “[...] el enunciador emplea el pretérito perfecto cuando no le interesa contar el hecho al que se refiere en sí, sino tan sólo en la medida que está en relación con el tiempo presente (Matte Bon, 1995, 112).

Apesar de que isso ocorra, as duas formas estão diretamente relacionadas a um momento passado relativo ao momento de fala (presente). Mas, segundo Cartagena (1999), o PPC demonstra isso dentro de uma formação temporal presente, como em: *Pensé* (PPS) *en nuestra nueva casa ayer*. (Pensei em nossa casa ontem)

Conforme Oliveira (2007), baseando-se em suas análises sobre a variação diatópica, pode-se dizer que há variação diatópica no uso das duas formas de pretérito, levando em conta que o PPC é mais frequente em território peninsular que o americano. Além disso, ainda que o PPC apareça com pouca frequência tanto em Espanha como na América, os dados numéricos aportam ter significativas distinções de utilização.

Podemos observar, através de outros estudos (Penny, 2004; Dias, 2004; Alcaine, 2007; Oliveira, 2007, 2010; Aleza Izquierdo e Enguita Utrilla, 2010; Jara Yupanqui, 2013; Duarte, 2017) que o uso de PPS e PPC varia constantemente dependendo da região onde está localizado o estudo.

Segundo Ilari (2001), Tempo e Aspecto são categorias temporais, ficando o primeiro com a noção de tempo externo, ou seja, passado, presente e futuro, já o outro traria a noção de duração, instantaneidade, desenvolvimento etc. Costa (2002) complementa explicando que isso acontece porque os dois trazem como base de seu referencial o tempo físico.

Comrie (1981) explica que, dentro da categoria Aspecto, há uma oposição básica que se baseia na constatação de um fato enunciado. Essa oposição ocorre pois o verbo pode ter sua constituição temporal interna considerada ou não. Assim, aparece a noção de perfectividade e imperfectividade, que trazem visões distintas sobre a estrutura temporal da situação.

Segundo Comrie (1981), a perfectividade indicaria uma situação em seu contexto geral, sem modificar o sentido da oração, já a imperfectividade é dada ao prestar especial atenção à estrutura temporal da situação. Além disso, a perfectividade traz uma visão externa e concluída, já a outra traz a visão interna do desenvolvimento da ação.

Costa (2002) pontua que o perfectivo expressa o fato enunciado como geral, sem parcialidade ou marcação de alguma forma da sua temporalidade interna. Para a autora, a imperfectividade expressa a temporalidade interna não marcada pelos perfectivos, também podendo considerar como um fragmento de tempo que se desenvolve, ou selecionando fases desse tempo interno.

Assim, Smith (1997) propõe que o Aspecto seja dividido em três subcategorias, perfectivo (totalidade da situação, com pontos de início e de fim), imperfectivo (parte da situação, não há a delimitação do começo e fim) e neutro (pelo menos da situação e algum ponto definido, início ou fim).

Entretanto, Comrie (1981) ressalta que não é adequado caracterizar os Aspectos perfectivos e imperfectivos apenas por questões de construções durativas ou não, apesar da

duratividade do evento, geralmente, estar ligada a formas imperfectivas. Assim, Freitag (2007) conclui que não basta para ver o caráter do verbo, mas também observar o contexto em que as construções estão inseridas.

Pontes (2012) e Pontes et al. (2024a, 2024b) retomam García Fernández (2004) e apresentam a distinção entre Aspecto Gramatical e Aspecto Lexical. Na concepção de Pontes (2012) e Pontes et al. (2024a, 2024b), o primeiro é mais subjetivo, permitindo ao falante utilizar o ponto de vista que desejar frente ao predicado. Já o segundo seria uma caracterização léxica que faz parte do significado de cada verbo, permitindo classificá-lo em classes diferentes de situações ou eventos, considerando apenas a extensão temporal. Por isso, para Vendler (1967), não podemos usar apenas o Tempo para explicar as classes dentro da extensão temporal, entrando outros fatores.

Assim, concluímos que o Tempo e Aspecto estão interligados na língua espanhola, levando em consideração que os verbos estão diretamente ligados a bases tipicamente temporais. O primeiro preocupa-se na localização temporal da ação em relação ao todo, enquanto o Aspecto desvela o desenvolvimento da ação, baseando-se na localização temporal. Por isso, a seguir, discutiremos sobre o Aspecto na língua espanhola.

Segundo Moreno de Alba (1978), o Aspecto em língua espanhola se apresenta através das formas opositivas perfectivas e imperfectivas. O autor compreende que quando o verbo expressa uma ação ou situação concluída se apresentará no Aspecto perfectivo, já quando há a noção de uma ação ou situação em processo, ele se caracterizará como imperfectivo. Assim, independentemente de o verbo estar no *pretérito (cante)*, *antepresente (he cantado)* e até no *copretérito (copretérito)* podem se configurar como perfectivos.

Alarcos Llorach (1994), por outro lado, acredita que o PPS e o PPC não possuem diferenças na categoria Aspecto, tendo em vista que ambas são denominadas perfectivas, então a oposição entre os dois tempos verbais ficaria apenas por questões temporais. Para o autor, o PPS compreende uma ação iniciada e acabada no passado, já o PPC seria uma ação iniciada em um passado mais próximo e que dura até o presente, levando as duas formas a assumir um caráter aspectual durativo.

Henderson (2008, 2010, 2018), ao apresentar o PPC como um tempo verbal com valor genérico, o falante se move entre dois planos diferentes da conceitualização, um *referente genérico* e outro particular o de *caso*. Assim, Henderson (2018) considera a variação entre os tempos como uma estratégia discursiva para localizar as situações em um plano genérico, atribuído ao PPC ou um plano de concretização, através do PPS.

Para Pontes (2012) e Pontes et al. (2024a, 2024b), o PPS e o PPC podem codificar recenticidade aspectual, que seria o PPS expressando uma ação distante e acabada e o PPC expressando uma ação acabada, porém recente.

Entretanto, a última edição da “*Nueva Gramática de la lengua española*” da RAE (2010) é o que define o PPS e o PPC como tempos perfectivos. Essa classificação corresponde a três características: deíctica ou referencial (valor temporal), aspectual (perfectivo) e morfológica (simples).

Sobre Modalidade, muitos autores já trouxeram suas contribuições para os estudos sobre o tema. Sendo um dos primeiros, Lyons (1977) coloca a Modalidade como o ponto de vista do falante a respeito da proposição, pontuando três tipos de Modalidades linguísticas, sendo elas: alética, que indica a necessidade ou contingência; epistêmica, que exprime certeza ou probabilidade; deôntica, que alude à obrigação ou permissão.

Alguns outros funcionalistas também deram suas contribuições para o que seria a categoria Modalidade. Halliday (1985), por exemplo, coloca a Modalidade como uma avaliação do falante sobre probabilidades ou do grau de evidência de uma afirmação. Já Hengeveld (1988) define a Modalidade como todos os meios linguísticos pelos quais o falante pode expressar seu comprometimento com a verdade.

Entretanto, partiremos de uma concepção norte-americana do funcionalismo que trará a categoria Modalidade associada a um contexto comunicativo. Assim, Givón (1984) traz as seguintes categorizações da Modalidade, baseando-se numa interpretação pragmática-discursiva: a) pressuposição; b) asserção ‘*realis*’; c) asserção ‘*irrealis*’; e d) asserção negada.

Para que sigamos adiante, é necessário fazer a distinção entre Modalidade e Modo. Assim, Cunha e Cintra (2008) definem Modo como as distintas formas que um verbo utiliza para expressar uma indicação de atitude. Já Coan (2003) apresenta Modo como uma categoria morfológica do verbo que possui distintos paradigmas verbais, podendo ser indicativo, subjuntivo e imperativo.

Lyons (1977) afirma que “o modo é uma categoria gramatical que pode ser encontrada apenas em algumas línguas, não em todas. E, não pode ser identificado como modalidade ou força ilocucionária”. Assim sendo, a diferença básica entre eles está assentada no fato de que a Modalidade está ligada à codificação da atitude do falante sobre a informação, e o Modo seria a codificação da Modalidade, podendo assim obter graus de certeza, dúvida, suposições etc.

Pontes (2012) já afirmou que a Modalidade em língua espanhola pode ser codificada por diversas formas, mas, principalmente pelo modo verbal. Para Milani (2006), as formas verbais do modo indicativo expressam a oposição realidade e não realidade das ações, colocando em um extremo a possibilidade de realizá-las, ficando no outro extremo o modo subjuntivo, expressando ações hipotéticas, prototípicas do Modo Subjuntivo. Já o modo imperativo, segundo Martins (2010) é usado para: dar instruções; dar conselhos e fazer recomendações; dar ordens e fazer um pedido; e oferecer algo.

Concordando com Dias (2004), em que a categoria Modalidade tem sua importância para a análise do *pretérito perfecto* do indicativo, tendo em vista que nem todas as construções enunciativas permitem a categorização aspectual. Assim, é necessário considerar que a oposição entre PPS e PPC na América Hispânica não está diretamente ligada aos marcadores temporais (marcadores de passado, por exemplo *ayer*, *anoche* e *semana pasada*, ligados ao PPS e marcadores de presente, por exemplo *hoy*, *esta tarde* e *este año*, ligados ao PPC) e que há casos em que é difícil atribuir valores aspectuais ao mesmo.

Com relação às categorias *realis* e *irrealis*, utilizaremos como base os estudos de Henderson (2010, 2017, 2018). Segundo o autor, através da dimensão discursiva a variação entre o PPC e o PPS no Uruguai está vinculado a um caráter de concretude. Henderson (2018) conclui que quando o falante se refere a algo particular, baixa-se ao plano da concretização, assim, a um plano de temporalidade perfilada, localizando a ação como concreta no PPS.

Com o PPC, Henderson (2018) chega à conclusão de que é utilizado para uma conceitualização genérica da ação, dando ao PPC um caráter menos concreto, temporalmente não localizado, definido ou específico.

A partir das categorias do complexo TAM apresentadas nesta seção, foram configurados três grupos de fatores linguísticos para análise da variação entre o PPS e o PPC. A categoria Aspecto, baseada em Vendler (1957, 1967) e Comrie (1981), orienta a definição do grupo tipo de verbo, dividido em atividades, processos culminados, culminações e estados, com base em critérios de duratividade, télicidade e dinamismo. A categoria Modalidade, conforme Givón (1984, 1995) e Henderson (2010, 2018), embasa o grupo de fator modalidade *realis x irrealis*, levando em consideração o grau de comprometimento do falante com a veracidade ou possibilidade da ação expressa. Por fim, a categoria Tempo, embora transversal às demais, contribui para o entendimento da variação temporal expressa pelos pretéritos perfectivos em diferentes planos discursivos, especialmente na identificação de formas marcadas e não-marcadas segundo a distribuição de frequência, o valor de recenticidade e o vínculo com o momento da enunciação. Assim, cada grupo de fator analisado nesta pesquisa foi construído a partir dos princípios do complexo TAM, o que permite uma análise linguística coerente e funcionalmente orientada.

A Sociolinguística e o Funcionalismo

A Sociolinguística é uma área da Linguística que estuda a língua em seu contexto social, levando em consideração as relações entre as estruturas linguísticas e os aspectos extralinguísticos da produção do discurso. Um de seus princípios é compreender os principais fatores que influenciam em fenômenos de variação linguística e qual a importância deste fenômeno dentro do contexto (Cezario & Votre, 2008).

A Sociolinguística surge como uma forma de reação ao modelo de análise linguístico de Noam Chomsky (1965), que tem como seu objeto de estudo a competência linguística de um falante ideal, que, supostamente, está inserido em uma comunidade de fala homogênea. Assim, William Labov (1963, 1978, 1994, 2003, 2008 [1972] 2010) inicia um novo modelo teórico-metodológico de analisar as línguas, que leva em consideração não só um falante ideal e sua comunidade, mas também uma relação entre sociedade e língua e a possibilidade de sistematizar as variações existentes (Tarallo, 2005).

Assim, Labov (2008[1972], p. 13) acredita que a Sociolinguística variacionista tem como função a análise da “língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social, este veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos”.

Como precursor dos estudos em sociolinguística, Labov surge, na década de 1960, com os estudos em “sociolinguística variacionista” ou “sociolinguística laboviana” (Labov, [1972] 1978; 1994; 2001; 2003; 2008; 2010), trazendo o pressuposto teórico e definições importantes para os estudos da área, como *variedade*, *variação*, *variável* e *variante*.

Assim, *variedade* é a fala característica de um dado grupo, podendo ou não ser delimitado por uma zona geográfica, por exemplo, nas línguas espanholas, que se pode encontrar diversas variedades, como o espanhol de Lima, do México, de Montevidéu etc.

Variação ocorre quando duas formas podem ocorrer em um mesmo contexto com o mesmo significado (Labov, 1978), pode-se exemplificar com o uso de *fresa* e *frutilla* em língua espanhol, as duas tem o mesmo significado aparente e aparecem dentro do sistema linguístico geral da língua espanhola para representar a mesma fruta, a depender do país: *frutilla* em Argentina, Chile, Paraguai, Uruguai e Equador; *fresa* na Espanha e os demais países da Hispano América.

Já *variável* seria o lugar na gramática em que se pode localizar a variação, como por exemplo, as formas de tratamento ou advérbios de intensidade. Weireich, Labov e Herzog (1968) introduziram a noção de variável linguística, que seria um elemento variável e que esteja no mesmo sistema, sendo controlado por uma regra singular. Ela é composta por duas ou mais variantes, que, semanticamente, remetem a um mesmo contexto, porém com formas diferentes ao mesmo estado de coisa.

Por fim, *variantes* são as formas individuais que disputam pela expressão da variável, como *tú*, *usted* e *vos* em língua espanhola, que são variantes da variável “forma de tratamento” (Coelho *et al.*, 2015). Assim, de acordo com Labov (1978), as variantes constituem diversas maneiras de se expressar um determinado estado de coisas, ou seja, expressões que remetem ao mesmo contexto de interação em que estão inseridas.

Além disso, podemos encontrar variação em todos os contextos linguísticos, seja lexical, fonológico, morfológico, sintático e inclusive discursivo. As variantes podem adquirir

distintas características e classificações, como padrão e não-padrão (quando uma é normalizada pela gramática e a outra não).

Assim, a variação linguística pode ser percebida quando houver mais de uma possibilidade de expressão, ou seja, diferentes recursos linguísticos para uma determinada função linguística em uma dada comunidade de fala, de modo que não interfere no processo de comunicação entre falantes. Segundo Company e Company (2003), pode ser considerada uma ocorrência de uma variação em: dois grupos de falantes; em um indivíduo que tem como escolher entre duas estruturas; e dependendo da situação comunicativa, escolher uma estrutura em detrimento da outra.

Com respeito à comunidade de fala⁸, esse termo se refere a um grupo de indivíduos que compartilham os mesmos traços linguísticos, possibilitando a diferenciação deste mesmo grupo de outros grupos, pois comunicam-se mais entre si e tem como principal característica o compartilhamento de normas e atitudes frente ao uso da linguagem (Labov, 1972). Como tal definição é ampla, pois abarca comunidade de fala de um modo geral, Guy (2000) propõe três características para definir uma comunidade de fala: características linguísticas compartilhadas; densidade de comunicação interna relativamente alta; e normas compartilhadas.

A primeira característica proposta por Guy (2000) consiste no uso de sons, palavras ou construções gramaticais na comunidade de fala, quer dizer, o uso não ultrapassa para outras comunidades. Na segunda, a frequência de fala está mais próxima de membros de sua comunidade do que com membros de outras comunidades. Na última, os falantes compartilham as mesmas atitudes linguísticas, como uso da língua, norma e avaliações diante do uso da linguagem (Guy, 2000)

Vale colocar em destaque que a pesquisa sociolinguística, além de seus pressupostos teóricos, também, foi capaz de criar um modelo específico de entrevista com informantes, capaz de conseguir o melhor do vernáculo através de induções do entrevistador no entrevistado. Conforme Pontes (2009), Duarte, Coan e Pontes (2016) e Pontes et al. (2024c), seguindo observações de Tarallo (2005), o modelo sociolinguístico de investigação segue a seguinte ordem: Recolecção expressiva de dados da língua que se analisa, de forma que estes dados representem o vernáculo da comunidade; Descrição detalhada da variável e o perfil completo das variantes que participam; Análise dos possíveis fatores que condicionam, sejam linguísticos ou não, que favoreçam o uso de uma variante sobre outra(s); Encaixamento da variável no sistema linguístico e social da comunidade; Projeção histórica da variável no sistema sociolinguístico da comunidade.

⁸ Esse conceito será utilizado em nossa pesquisa para designar a comunidade de fala Montevidéu.

Porém, antes dos ideais variacionistas, os primeiros pensamentos considerados funcionalistas surgiram na Escola de Praga, no Círculo Linguístico de Praga, fundado em 1926 por Vilém Mathesius. Em realidade, há uma reação aos princípios propostos pelo estruturalismo, que põe em foco a forma e não a função. Para isso, houve uma tentativa de inserir a fala nos estudos da língua, considerando que Saussure considerava a *langue* como homogênea e considerava a *parole* como caótica e de difícil sistematização.

O funcionalismo praguense contribui para os estudos da linguística de vários modos. Os principais são: a noção de perspectiva funcional da sentença e o dinamismo comunicativo, já que tais não eram utilizados pela maioria dos estruturalistas da época.

Na América, mais especificamente nos Estados Unidos, surge um grupo de linguistas que estuda a língua de um ponto de vista funcional. Entre os autores estão: Li e Thompson, DuBois, Givón, Hopper e Thompson. Ainda que não tenham criado nenhuma teoria geral, segundo Nogueira (2006), foi um marco nas orientações funcionalistas.

Os linguistas da escola de Praga foram os responsáveis pela introdução do Princípio da Marcação. Este seria uma nova interpretação a noção de valor linguístico de Saussure para diferenciação de um par contrastivo, isso quer dizer que a diferença entre os membros de uma determinada categoria se dá por meio da presença de uma propriedade em e da ausência desta mesma propriedade em outra, assim, elemento marcado e elemento não-marcado, respectivamente.

Para Givón (1995), o elemento marcado é estruturalmente mais complexo, assim, o elemento não-marcado é mais simples em sua estrutura. Porém, a marcação não depende apenas dessa definição, sendo necessário observar o contexto de interação para poder definir claramente um elemento com marcado ou não-marcado, entrando os fatores comunicativos, socioculturais, cognitivos e biológicos.

Givón (1990, p. 947) aponta três critérios para avaliação da marcação: Complexidade estrutural: a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) do que a não-marcada; Distribuição de frequência: a categoria marcada tende a ser menos frequente que a não-marcada; Complexidade cognitiva: a categoria marcada tende a ser cognitivamente mais complexa, em termos de demandar maior atenção, mais esforço mental e tempo de processamento do que a não-marcada.

Entretanto, segundo Givón (1990), a marcação não pode ser determinada de forma absoluta, pois a estrutura pode ser marcada ou não dependendo do contexto em que ocorre. Por exemplo, em uma narrativa em que temos os pretéritos perfeito e imperfeito, a forma marcada, nesse contexto, será, provavelmente, o pretérito imperfeito, tendo em vista que ela tende a ser mais complexa estruturalmente e cognitivamente e menos frequente.

Ainda assim, Dubois e Votre (1994) sugerem o estabelecimento do equilíbrio cognitivo contextual, afirmando que a marcação pode atuar de acordo com o princípio de

expressividade retórica. “É preciso repensar o princípio de marcação, também, no que concerne à complexidade cognitiva, no sentido de que não é qualquer aumento de cadeia que vai implicar naturalmente um aumento das tarefas de decodificação.” (Dubois; Votre, 1994, p. 12). Concluindo assim, que, formas marcadas tendem a ocorrer em contextos menos marcados, e formas menos marcadas tendem a estar presentes em contextos mais marcados.

Givón (1990) divide a marcação de categorias gramaticais em quatro tópicos: a) tipos de discurso – a mesma categoria gramatical pode ter diferentes valores de marcação quando colocada em contextos discursivos diferentes; b) tipos de oração – as orações principais, declarativas, afirmativas e ativas têm o status de não-marcadas, enquanto que as subordinadas, manipulativas, negativas e passivas ganham o status de marcadas; no discurso oral/informal, há o predomínio das orações coordenadas, que são cognitivamente mais fáceis de processar do que as orações subordinadas; c) Modalidades nominais⁹: 1. papel temático – hierarquia temática=> papel semântico: agente > dativo/benefactivo¹⁰ > paciente > locativo > instrumento > outros, papel gramatical: sujeito > objeto direto > objeto indireto, agente, dativo/benefactivo e paciente são os mais prováveis para ocupar as posições de sujeito e objeto, portanto, o sujeito/agente e o objeto/paciente são os não-marcados (Dativo/benefactivo é aqui entendido como papel temático, usualmente realizado por objetos indiretos, conforme a tradição funcionalista (Givón, 1995).; 2. referencialidade e individuação – nomes referenciais e individuais são o caso não-marcado; 3. definitude – o sujeito, o objeto direto e o dativo/benefactivo tendem a ser a categoria definida, logo, não-marcada; 4. *status* anafórico – a anáfora zero é a menos marcada; 5. topicalidade – a marcação dos referentes tópicos e dos não-tópicos depende da continuidade, ou seja, o referente tópico/contínuo (codificado como zero ou pronome anafórico) é o não marcado e o referente não-tópico/descontínuo é o marcado; d) Modalidades verbais *realis* x *irrealis* (mais marcada); perfectiva x imperfectiva (mais marcada) (Givón, 1995, p. 55).

O princípio da marcação ajudará a explicar o uso das formas perfectivas, considerando-se: complexidade estrutural (*pretérito perfecto simple* e *pretérito perfecto compuesto*); distribuição de frequência (de acordo com os planos discursivos); complexidade cognitiva (com base na ordenação e presença de modificadores aspectuais); quantidade de

⁹ Embora este trabalho apresente, com base em Givón (1995), as modalidades nominais como critério relevante para a marcação — especialmente tópicos como papel temático, topicalidade e anáfora —, optou-se por não as operacionalizar na análise empírica. Tal decisão se deu por limitações metodológicas quanto à codificação precisa dessas categorias no corpus oral do PRESEEA-Montevideu.

¹⁰ Ressalte-se que, neste trabalho, as categorias "objeto indireto" e "dativo/benefactivo" foram mencionadas como aspectos complementares: o primeiro se refere à função sintática, enquanto o segundo corresponde ao papel temático. Assim, o dativo/benefactivo é usualmente realizado por objetos indiretos, o que está de acordo com a distinção proposta por Givón (1995) entre níveis gramaticais e semânticos de análise.

informação (*pretérito perfecto simple* e *pretérito perfecto compuesto*); e ordenação linear (de acordo com a posição das perfectivas em relação aos demais constituintes da oração).

Metodologia

Givón (1995) apresenta o método indutivo-dedutivo, que reúne características formalistas, como o caráter dedutivo de ter uma hipótese, e funcionalistas, para analisar, quantificar e submeter a tratamento estatístico dados empíricos, configurando o método indutivo.

Baseando-se nestas explicações, podemos considerar esta pesquisa como indutivo-dedutiva, tendo em vista que foram tomadas tanto características formalistas como funcionalistas, como o levantamento de hipóteses, análise, quantificação e submissão a tratamentos estatísticos.

Além disso, será uma análise com base na Sociolinguística Quantitativa ou Laboviana, que, segundo Duarte, Coan e Pontes (2016), retomando os pressupostos labovianos, tem como objetivo de estudo a variação e a mudança da língua dentro de um contexto social da comunidade de fala. Assim, acredita-se que toda variação tem suas motivações, ou seja, é controlada, de modo heterogêneo, dentro de um sistema previsível de escolhas. Logo, o papel da Sociolinguística é investigar, analisar e diagnosticar o grau de estabilidade ou mutabilidade da variação (Mollica e Braga, 2003).

Para esta pesquisa, utilizou-se dados do *Corpus Español Oral de Montevideú*, subcorpus do Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América (PRESEEA). Tal projeto foi criado em 1993, durante o *X Congreso Internacional de la Asociación de lingüística y Filología de la América Latina* com a intenção de coletar um corpus oral que desse conta da língua espanhola, incluindo não somente os países oficialmente hispanofalantes, como também os Estados Unidos, tendo em vista a coleta em Miami.

O *Corpus Español oral de Montevideú*, coordenado pelo Prof. Dr. Adolfo Elizaincín, da Universidad de la República e Presidente da Academia Nacional de Letras do Uruguai, instituição responsável pela coleta do corpus, conta com entrevistas orais divididas em três níveis de instrução educacional dos falantes: baixo, médio e alto.

Tal corpus está disponível gratuitamente no site da Academia Nacional de Letras, com um total de 56 entrevistas publicadas e transcritas. As entrevistas são subdivididas em gênero/sexo (homens e mulheres), faixa etária (jovens entre 20 e 34 anos, adultos entre 35 e 54 anos e idosos com mais de 55 anos) e nível de instrução (nível alto, nível médio e nível baixo).

Nesta pesquisa, foram coletadas 36 das 54 entrevistas consideradas para a análise, de acordo com a escolha das variáveis de estratificação (2 informantes de cada sexo x 3 níveis de instrução X 3 grupos de idade X 2 informantes por célula). O número de informantes

por célula, no caso deste trabalho, segue o que é considerado por Labov (2001), Guy e Zilles (2007), Freitag (2011) e Oliveira e Silva (2012), quanto à amostragem por célula. Esse número varia de 4 a 5 informantes, porém alguns bancos de dados do Brasil contam com apenas dois informantes por célula em decorrência da questão financeira.

De acordo com a metodologia do PRESSEA, a coleta dos dados dá-se por meio de gravações com informantes predeterminados, com características próprias de cada comunidade de fala, com a intenção de coletar uma mínima uniformidade estilística, com a finalidade de ser possível a comparação entre comunidades de fala distintas.

As gravações foram feitas mediante conversas semidirigidas e gravadas com o gravador a vista. Seguindo a metodologia PRESEEA, a entrevista deve seguir o roteiro, podendo ser flexível para cada comunidade de fala:

1. Saludos;
2. El tiempo;
3. Lugar donde vive;
4. Familia y amistad;
5. Costumbres;
6. Peligro de muerte;
7. Anécdotas importantes en la vida;
8. Deseo de mejora económica;
9. Final.

O projeto informa que, dentro de certa liberdade e flexibilidade, os temas que foram induzidos com mais frequência dentro das entrevistas correspondem aos parâmetros de mais importância para a investigação sociolinguística. Abordar tais temas vem com a tentativa de trazer à fala do entrevistado a maior naturalidade possível, buscando não elevar o nível de monitoramento.

Assim, as gravações têm um tempo mínimo de 45 minutos e não devem ultrapassar uma hora, ficando a escolha do pesquisador de descartar ou não os trechos iniciais das entrevistas, como é de costume de alguns autores, como Tavares (2003, 2011, 2014) e Araújo (2011), tendo em vista o período de monitoramento de fala do informante.

Além disso, como forma de padronização dos trabalhos, além de disponibilizar um documento sobre a coleta para a formação do banco de dados do PRESEEA, também foram disponibilizadas as orientações de transcrições das entrevistas.

Segundo Guy & Zilles (2007), a variação linguística não pode ser estudada apenas por meios qualitativos, pois é necessária observação da frequência das variantes estudadas e o valor do peso relativo dos grupos de fatores independentes sob as variantes em estudo, a fim

de conseguir um melhor resultado. Como se fez tanto a quantificação destes dados, como a análise e interpretação deles, a pesquisa coloca-se como qualitativa e quantitativa.

Por se tratar de uma pesquisa quali-quantitativa, foi necessário começarmos pelos procedimentos quantitativos, neste caso, estatísticos, para que seja possível uma melhor análise dos dados qualitativos, tendo em vista que, segundo Gil (2002), os dados quantitativos trazem um caráter mais formal à pesquisa.

Após a separação das entrevistas, foi iniciada a separação das ocorrências dos *pretéritos perfectos* nos trechos das entrevistas já pré-selecionadas. Foram consideradas apenas ocorrências que deixem explícito o uso das formas simples e composta, por exemplo, “*cante*” e “*he cantado*”, respectivamente.

Além dessas ocorrências, também foram descartadas as falas do entrevistador, já que possui a fala monitorada, tendo em vista que se segue um roteiro predefinido e já se tem conhecimento das formas que devem ser utilizadas. Além disso, nos casos em que o entrevistado reproduz uma construção já dita pelo entrevistador também foram desconsideradas, como em: “*como vos me dijiste “¿no pusiste aire acondicionado?”*” (MONV-H22-004)

Além disso, intervenções de terceiros, também, foram desconsideradas, pois, estes não são membros efetivos da pesquisa e não fazem parte do escopo de coleta.

Casos de repetição das formas também foram desconsiderados, já que a mesma construção poderia contar mais de uma vez para a frequência, quando seu uso é apenas aparente para a repetição,

Também foi desconsiderada a expressão *¿viste?*, que apareceu em todas as entrevistas, e justifica-se a exclusão pela construção ser uma expressão idiomática, que representa uma reafirmação ou confirmação do que já foi dito pelo falante para com o ouvinte, podendo ser traduzida para o português como: “certo?” ou “okay?”

Após o procedimento de separação das ocorrências, categorizou-se cada uma delas seguindo os grupos de fatores linguísticos, sobre os quais segue uma breve explanação acerca de:

a) Nível semântico-lexical: os tipos de verbo (atividade, processo culminado, culminação e estado), na concepção de Vendler (1957, 1967). A consideração dos tipos de verbos, foi adotada pelo fato de trazerem as noções de duratividade, dinamicidade e delimitação no eixo temporal. Assim, o autor divide os tipos de verbo em quatro, sendo eles: atividades (são dinâmicas, atéticas e durativas); processo culminado (são dinâmicos, télicos e durativos); culminações (denotam eventos instantâneos, télicos e dinâmicos); e estados (apresentam uma duração indefinida, são atéticos e estáticos). Por exemplo: Estado: *Ama a Salomé*. (Ama Salomé.) (García Fernández, 1998, p. 11); Atividade: *Camina por el*

parque. (Caminha pelo parque.) (García Fernández, 1998, p. 11); Processo culminado: *Construyó la casa*. (Construiu a casa.) (García Fernández, 1998, p. 11); Culminação: *Llegó a la estación*. (Chegou à estação.) (García Fernández, 1998, p. 11);

b) Nível textual-discursivo: são umas estruturas presentes da língua que estão dispostas para o falante quando este quer organizar seu discurso. Quando essas estruturas são utilizadas em situações reais de comunicação, caracterizam os gêneros do discurso, as quais são marcadas com tempo, modo e aspecto, pessoas do discurso que está em referência e unidades sintáticas e semânticas que são predominantes (Paredes Silva, 1999). São três as abordagens para as sequências discursivas que Paredes Silva (1999) aponta: (i) abordagem da estrutura da entrevista sociolinguística; (ii) influência do tipo de texto sobre determinada variável linguística; (iii) caracterização de um determinado tipo de texto em decorrência de uma determinada variável linguística. Por exemplo: Exposição: *Te estás gastando todos los días un dineral en gasolina para ir al trabajo*. (Está-se gastando um dinheirão em gasolina para ir ao trabalho.) (Moya Corral, 2009, entrevista 39); Narração: *No recuerdo más de la comunión*. (Não lembro mais da comunhão.) (Moya Corral, 2009, entrevista 39); Argumentação: *Porque no hay dineros para echarle gasolina todos los días al coche*. (Porque não tem dinheiro todos os dias para a gasolina do carro.) (Moya Corral, 2009, entrevista 39). Descrição: *Era blanco, muy normalito, como todos los vestidos de comuniones blanco*. (Era branco, muito normalzinho, como todos os vestidos de comunhões brancos.) (Moya Corral, 2009, entrevista 40). Diálogo: *Que estoy en la gloria. Que yo creía que iba a ser un problema y que no que no lo es*. (Que estou na glória. Que eu acreditava que ia ser um problema e não é.) (Moya Corral, 2007, entrevista 14).

c) Modalidade: Segundo Givón (1984, 1995), a Modalidade tem relação com a codificação da atitude do falante perante uma informação, ou seja, do conteúdo proposicional do enunciado. Ela abrange noções como a de realidade que pode ser verdadeira, falsa ou possível, entre outras. A primeira diz respeito a uma determinada existência factual em um determinado tempo real; a segunda aborda a possibilidade de não haver existência em nenhum tempo real, já a última corresponde a uma existência que poderia ter acontecido em algum tempo, porém esse tempo ainda está por vir (Givón, 1984). Conforme Givón (2005), a Modalidade tem seus tipos redefinidos a partir do contexto pragmático-discursivo, a saber: pressuposição, asserção *realis*, asserção *irrealis* e asserção negada. Serão consideradas as asserções *realis* e *irrealis*. A primeira consiste em uma proposição verdadeira que pode ser refutada, ou seja, pode ser classificada em verdadeira ou falsa. A segunda ocorre quando a proposição é fraca, mas é possível e necessária, ou seja, seria uma verdade possível. Por exemplo: Asserção *realis*: *Joe will cut a log*. (Joe cortará um

tronco.) (Givón, 1984, p. 285); Asserção irrealis: Maybe Joe caught a whale. (Talvez Joe tenha pegado uma baleia.) (Givón, 1984, p. 285).

A seguir, faremos considerações sobre os fatores extralinguísticos.

- a) Sexo: Segundo Labov (2008), frequentemente, a diferenciação sexual na fala tem um papel crucial no processo de evolução linguística. Levando em consideração esta contextualização do autor, o *corpus* foi dividido em dois grupos: homens e mulheres;
- b) Faixa etária: Conforme Freitag (2007), através desse fator, podemos observar se a variação é um fenômeno estável ou mudança em tempo aparente. O Corpus Oral de Montevidéu se divide em três níveis etários, sendo eles: a) jovens, entre 20 e 34 anos de idade; b) adultos, entre 35 e 54 anos; e c) velhos, com mais de 54 anos.
- c) Nível de instrução: Para o fator extralinguístico nível de instrução, de acordo com Bortoni-Ricardo (2004), o tempo em que um indivíduo é escolarizado e a qualidade da escola em que frequentou influenciam diretamente em seu repertório sociolinguístico.

Com a categorização dos dados, foi possível iniciar o tratamento estatístico através do programa computacional *Goldvarb X* (2005). Na visão de Guy & Zilles (2007), este programa serve para o trato da variação linguística, tendo em vista que ele foi desenvolvido justamente para estudos de variação e mudança. Além disso, o software está programado para lidar com os condicionamentos linguísticos e extralinguísticos, por reconhecer as pressões internas e externas que as línguas sofrem.

Inicialmente, foi feito o cruzamento entre todas as variantes com a finalidade de reconhecer todos os dados possíveis.

Todos os dados serão analisados levando em consideração tanto as porcentagens obtidas em cada um dos cruzamentos, como os pesos relativos que serão informados pelo software. Isso deverá acontecer, pois, segundo Coelho et al. (2015), o peso relativo acaba se tornando mais importante para a pesquisa de variação linguística, já que é ele que vai determinar quais fatores linguísticos e extralinguísticos mais influenciam no uso de determinada variante.

Vale ressaltar que, segundo Guy & Zilles (2007), o peso relativo é um número variante entre 0,0 e 1,0. Desses, 0,0 significa que aquele condicionamento não tem nenhuma influência sobre a variante dependente e 1,0 significa que o condicionamento influencia em todas as ocorrências registradas. Quando este valor se exata a 0,5 temos um caso de ponto neutro, nestes casos, a variante exerce pouco efeito sobre a regra geral de uso.

Análise dos dados

Após um breve resgate sobre a amostra analisada, procederemos à apresentação do número de ocorrências obtidas nas entrevistas selecionadas e ao que os dados, resultantes das rodadas proporcionadas pelo *software* GOLDVARB (2005), revelaram-nos quanto à variação entre as formas supra. Ademais, analisamos as variáveis linguísticas e extralinguísticas selecionadas como mais significativas pelo programa estatístico e, tomando como base o aporte teórico selecionado para esta pesquisa e as discussões dos trabalhos variacionistas apontados e/ou resenhados em capítulos anteriores, apresentaremos possíveis justificativas para os resultados aos quais chegamos.

A amostra analisada constituiu-se de 36 entrevistas, conforme mencionado na metodologia, provenientes do *Corpus Oral de Montevideú*. Os inquéritos selecionados foram adaptados e distribuídos considerando as seguintes variáveis: sexo: (H – homens e F – mulheres); idade (faixa etária 1 – de 20 a 34, faixa etária 2 – de 35 a 54 e faixa etária 3 acima de 55) e escolaridade: nível baixo (b) e nível alto (a).

Após uma análise preliminar, encontramos um total de 600 ocorrências em que o PPS e o PPC assumem os mesmos valores, ou seja, de passado com relevância presente e passado durativo. Desse total, 90 dados pertencem ao PPC e 510 pertencem ao PPS. Observe a tabela:

Tabela 1 – Frequência da ocorrência de PPS e PPC no espanhol oral da cidade de Montevideú

Pretérito Perfectivo	Frequência	Total de dados
<i>Pretérito Perfecto Simple</i>	85%	510
<i>Pretérito Perfecto Compuesto</i>	15%	90
Total de dados		600

Fonte: Elaborada pelos autores

Podemos observar o uso do PPS no exemplo abaixo:

*“[...] de los tres años a los catorce **viví** en la casa donde estoy ahora después me **mudé** para con mis padres ¿no? y mi hermano al Centro al Cordón al Centro y recién ahora **volví** a los treinta y pico de años eeh **volví** casada a esa casa que yo le **pedí** a mis padres que no la vendieran que la quería mucho y todo y bueno me **hicieron** caso” (MONV_M23_02)¹¹*

¹¹ Tradução: “[...] dos três aos quatorze vivi na casa onde estou agora depois me mudei para com meus pais não? e meu irmão ao Centro ao Cordón ao Centro e recente agora voltei aos trinta e tantos anos eeh voltei casada a essa casa que eu pedi aos meus pais que não a vendessem que a queria muito e todos e bom fizeram caso”

Ainda que os valores de frequência do PPC sejam inferiores aos de PPS, o fenômeno mostra que, apesar de algumas gramáticas rechaçarem o PPC na América, ele possui números expressivos de uso. Assim, os números corroboram as afirmações de autores como Oliveira (2007), Izquierdo e Utrilla (2010) e Jara Yupanqui (2013), que confirmam a existência do PPC na América, ainda que com frequência reduzida quando comparada aos usos da variedade Peninsular.

Nas rodadas estatísticas feitas através do programa, foi programado como regra de aplicação a forma composta do *pretérito perfecto*, ainda que a frequência de PPS seja maior. Isso se justifica pelo posicionamento que adotamos para esta pesquisa, que dialoga com outros autores como Henderson (2008, 2010, 2018), ao apresentar o PPC como um tempo verbal com valor genérico. Segundo o autor, o falante se coloca entre dois planos diferentes da conceitualização, um em *referente genérico* e outro em particular ou de *caso*.

Henderson (2018) considera a variação entre os tempos como uma estratégia discursiva para localizar as situações em um plano genérico, atribuído ao PPC ou um plano de concretização, através do PPS. Por exemplo:

“[...] doy fe de que me he movido cielo y tierra y nadie me ha podido responder o sea darme una solución primero porque digo las condiciones en que viven al lado del tren eeh no son [...]” (MONV_M23_01)¹²

É relevante ressaltar que, respeitando a variação entre as formas de pretérito perfectivo aqui estudadas, as afirmações que se realizam ao longo desta análise – pautadas nos percentuais e pesos relativos obtidos nas rodadas estatísticas – trata-se de tendência de uso que apontam para um aumento no uso da variante PPC, pelos falantes mais jovens, em alguns contextos, que pode apontar para um futuro processo de mudança em curso na comunidade de fala de Montevideu. Conforme se vê adiante, para que o processo de mudança linguística em curso seja hipotetizado, em um futuro considerável, seriam necessárias outras técnicas metodológicas, diferentes das usadas neste trabalho, como um estudo em tempo real, observando o comportamento da comunidade de fala ao longo do tempo.

Dos seis grupos de fatores elencados como possível condicionadores do fenômeno variável com o qual trabalha-se (sexo, faixa etária, nível de instrução, tipo de verbo, tipo de discurso e modalidade), o programa selecionou como significantes, em ordem decrescente, os seguintes grupos: faixa etária, tipo de verbo e modalidade.

¹² Tradução: “[...] dou fé de que movi céu e terra e ninguém conseguiu me responder, ou seja, me dar uma solução, primeiro porque digo as condições em que vivem ao lado do trem eh não são [...]”

Inicialmente, hipotetizou-se, ancorado nos estudos de Givón (1990, 2001) e de Pontes (2009), que os verbos que indicam situações mais dinâmicas, no caso, processo culminado, atividades e culminação, tendem a condicionar o uso do PPS, enquanto os verbos de natureza estática, estado, tendem a condicionar o uso do PPC, posto que, quando se utiliza o PPC, deduz-se que a ação perdura de alguma forma até o momento atual, ou seja, a ação ainda tem valor afetivo para o falante no presente. (Gómez Torrego, 2005).

Entretanto, após as rodadas estatísticas, observou-se que o fator linguístico mais significativo para o processo de variação do PPC-PPS é o de culminação, como pode-se observar na tabela seguinte:

Tabela 2 – Atuação do grupo de fatores tipo de verbo no uso da variante PPC *versos a variante* PPS

Grupo de fatores	Aplicação/Total	Percentual	Peso relativo
Estado	3/48	6,2%	0.262
Atividade	24/92	26,1%	0.648
Processo culminado	49/435	11,3%	0.469
Culminação	14/25	56%	0.869

Fonte: Elaborada pelos autores

Em uma interpretação inicial dos dados, percebe-se que o PPC aparece com percentual maior em verbos de culminação (56%) e menor em verbos de estado (6,2%), além disso, os verbos de estado mostram-se ainda menos significativos quando se observa o peso relativo, que neste caso é 0.262, uma vez que os verbos de processo culminado demonstram ser estatisticamente mais relevantes para a variação do PPC.

Tal fenômeno pode ser explicado quando se observam as formas de uso do tempo PPC segundo Gómez Torrego (2005), que considera o PPC como uma zona temporal passada da falante que faz uma ligação direta com o presente, ainda que não esteja no presente.

Também podemos considerar o valor psicológico desse tempo (Gómez Torrego, 2005), quando o falante traz situações iniciadas e acabadas no passado, mas que ainda interferem no seu psicológico no presente. O fato de a temática da entrevista explorar assuntos como vida pessoal, vida laboral e até risco de morte, pode desencadear esses usos pelos falantes.

Retomando, também, a RAE, a zona na qual pertence Montevideu, o uso prototípico do PPC é com valor de antepresente, o que sugere ações finalizadas em um passado próximo à zona temporal do falante. Assim, podemos observar que ações, mesmo concretizadas na forma do PPC, ainda assim, podem apresentar uma conclusão, entretanto, dentro da zona temporal do Presente.

Quanto aos demais resultados, concluímos que verbos de culminação são os mais significantes para a variação do PPC, apresentando-se com o peso relativo de 0.869. Em

seguida, temos os verbos de atividade, com peso relativo de 0.648 e processo culminado com 0.469. Por último, os verbos de estados com 0.262. Esses dados surpreendem muito, tendo em vista que as hipóteses iniciais apontavam para os verbos de estado como fator crucial para a variação.

Observa-se o exemplo seguinte:

*“semana pasada me han robado la camioneta sí de acá” (MONV_H13_45)*¹³

Nesta afirmação, o entrevistado expõe um momento pontual, instantâneo e sem intervalo de tempo, em meio a uma narração. Isso mostra um aspecto de duratividade do verbo, já que, segundo Spuldaro (2005, p. 48), “é um traço semântico que revela a presença ou a ausência de intervalos internos em determinada situação”.

Além disso, apesar de haver uma marcação temporal referente a um passado fora da zona temporal do falante, percebe-se que o PPC assume, também, o valor de passado psicológico, ou seja, quando a ação no passado, mesmo que finalizada e sem reflexos em ações do presente, trazem uma espécie de afetividade, podendo ser positiva ou negativa, para o falante. Assim, neste caso, o verbo *me han robado* justifica-se por não ser uma ação esperada e desejada, e mesmo que não seja uma ação que dure até o presente ou por mais do que um momento pontual, o psicológico do falante expõe essa ação como importante para si.

Lópes Ortega (2000), baseando-se nas teorias de Givón (1984) e Hopper e Thompson (1980), desenvolveu uma pesquisa em que examinou entrevistas com a finalidade de obter narrativas pessoais sobre experiências passadas. Por fim, verificou-se que os verbos de estados tomaram a forma do *pretérito imperfecto* como uma forma de marcar a informação de fundo, já os verbos de culminação apresentaram-se nas formas perfectivas do pretérito em língua espanhola, além de expressarem a informação em primeiro plano.

Também, podemos considerar o estudo realizado por Harley e Swain (1978). Os autores utilizaram de entrevistas com estudantes franceses e constataram o uso do pretérito perfeito para ações, ou seja, voltadas tanto para verbos culminados como os de processo culminado. Por outro lado, as formas do pretérito imperfeito foram associadas, principalmente, aos verbos de estado, seguidos pelos verbos de atividade.

Com isso, podemos chegar à conclusão de que os verbos de tipo culminado podem apresentar-se na forma de PPC, principalmente em narrativa.

Para observar o comportamento das modalidades *realis* e *irrealis*, apoiou-se nos estudos de Dias (2004), que compreende que os falantes tendem a usar o *pretérito perfeito*

¹³ Tradução: “semana passada me roubaram a camionete sim daqui”

simple com valor de certeza, enquanto o *pretérito perfeito compuesto* expressa valor de incerteza.

Mais recentemente, Henderson (2008, 2018) propôs que se observa o PPC como um tempo verbal com referente genérico, ou seja, o composto como uma estratégia discursiva para localizar as situações em planos não tão específicos. Por outro lado, o PPS apresentar-se-ia em situações específicas e concretas.

Ao observar essas definições, pode-se aproximar com os tipos de Modalidade, *realis* e *irrealis*, propostas por Givón (1984, p. 285), tendo em vista que as asserções *realis* tem um valor de verdade, mesmo que possa ser refutado posteriormente, e as asserções *irrealis* são consideradas como possíveis ou necessárias.

Observando esses critérios para análise chega-se à seguinte tabela de atuação da Modalidade sobre as variantes PPC e PPS.

Tabela 3 – Atuação do grupo de fator Modalidade no uso da variante PPC *versus* a variante PPS

Grupo de fator	Aplicação/Total	Percentual	Peso relativo
<i>Realis</i>	62/549	11,3%	0.454
<i>Irrealis</i>	28/51	54,9%	0.875

Fonte: Elaborada pelos autores

De princípio, confirma a hipótese de que a modalidade *irrealis* está realmente atrelada ao PPC, tendo em vista que o composto apresenta uma zona temporal não tão bem definida quanto o PPS.

Para uma melhor compreensão, observemos as ocorrências:

“pero nosotros hemos viajado en ómnibus a Bari a no a Mendoza fuimos en ómnibus”
 (MONV_M33_37)¹⁴

“sí pero no nunca me he enterado de robos grandes de ahí en el barrio la verdad”
 (MONV_M22_22)¹⁵

No primeiro exemplo, o entrevistado deixa claro a sua dúvida quanto a ação de incrementação ou não, e o que traz essa ideia é a partícula “a no”, que quebra com toda a certeza de uma afirmativa, deixando-a com um caráter duvidoso e incerto. Já no segundo exemplo, o mesmo acontece, entretanto, o próprio verbo ajuda a desconstruir a afirmação da frase, pois, considera-se que o PPC pertence a um plano genérico e talvez não concreto, faria

¹⁴ Tradução: “Mas nós viajamos de ônibus para Bari ah não para Mendoza fomos de ônibus.”

¹⁵ Tradução: “Sim mas não nunca fiquei sabendo de roubos grandes ali no bairro de verdade.”

com que o fato de haver roubos no bairro possa acontecer, mas, não são de seu conhecimento.

Para compreender melhor a Modalidade nestes casos, é necessário recordar que, seguindo as teorias givonianas, um dos quatro tópicos da marcação de categorias gramaticais está justamente nas Modalidades verbais, considerando o *irrealis* como a forma mais marcada (Givón, 1995, p.55). Outro ponto teórico importante a ser retomado, são três critérios para a avaliação da marcação: i) Complexidade estrutural; ii) Distribuição de frequência; e iii) Complexidade cognitiva. (Givón, 1990, p. 47)

Acerca da complexidade estrutural, o PPC possui uma complexidade em sua estrutura muito maior, levando em consideração que sua composição se encontra em um verbo auxiliar, *haber*, conjugado no presente do indicativo mais um verbo principal na forma de particípio. Por outro lado, o PPS leva em sua forma apenas um radical, mudando apenas a desinência, a depender da pessoa e do número, concordando com o sujeito da oração.

Sobre a distribuição de frequência, fica claro durante o estudo que PPC apresentou uma frequência inferior. Retomando a tabela 01, observa-se que PPS tem um total de 85% da frequência frente a apenas 15% no PPC.

Por último, a complexidade cognitiva, ainda que não seja possível fazer essas medições através deste estudo, as funções atribuídas ao PPC aportam uma complexidade cognitiva maior. Por exemplo em: “*de la puerta de mi casa no he visto ni sentido nada... me la han robado*” (MONV_H23_55).¹⁶ Neste exemplo, para que o falante utilize essa construção, principalmente com dois verbos explícitos, *he visto* e *me la han robado*, e um implícito, *sentido*, no PPC, é necessária uma afetividade com a ação, gerando no falante uma complexidade cognitiva maior, pois a utilização dessa forma verbal perpassa a zona linguística e entra na zona pessoal do falante.

O princípio da marcação, conforme Givón (1990, 1991, 1995), indica que a estrutura mais marcada é maior, mais complexa e menos frequente do que a não marcada, demandando, portanto, mais atenção e tempo de processamento cognitivo. Paralelamente, consideramos o princípio da expressividade retórica, já que, pelo atestado na literatura, um procedimento discursivo marcado, por vezes, ocorre em contextos não marcados, para garantir equilíbrio cognitivo-contextual (Dubois e Votre, 2012).

Das formas sob análise, o PPC é a mais marcada, por ser maior que PPS e menos frequente na comunidade de fala analisada. Para além disso, consegue-se observar que a forma modalidade *irrealis* aparece também como contexto mais marcado, quando se segue os critérios para avaliação da marcação. Nesse sentido, com base nos dados e nos pressupostos teóricos sobre marcação, confirmamos a nossa hipótese de que as assertivas

¹⁶ Tradução: “da porta de minha casa não vi nem senti nada... me roubaram”

irrealis são mais propensas à forma composta do pretérito perfeito, ou seja, o mais marcado (modalidade *irrealis*). Neste caso, não há a ocorrência do princípio do equilíbrio cognitivo-contextual, proposto por Dubois e Votre (2012).

Em pesquisas variacionistas recentes, o grupo de fatores faixa etária tem se mostrado relevante. Sabendo que a idade do falante pode determinar diferenças linguísticas, o controle dessa variável faz-se importante, pois permite ao pesquisador analisar se o fenômeno de variação se encontra em um processo estável ou se em uma mudança em curso. De acordo com Moreno Fernández (2009), a idade é a variável que mais condiciona a variação linguística.

Vale ressaltar que, segundo Coelho *et al.* (2015), pesquisas de tempo aparente, ou seja, que usam a variável faixa etária, podem apresentar-se apenas em indicativos de mudança. Levam-se em conta os princípios gerais da Teoria da Variação e Mudança, nem toda variação decorre uma mudança, mas toda mudança decorre de uma variação (Weinreich, Labov, Herzog, 2006 [1968]).

Com as considerações iniciais dadas, observa-se através dos dados obtidos, que há um indicativo do aumento do uso da variante PPC no espanhol oral de Montevideu, como pode ser observado na tabela seguinte:

Tabela 05 – Atuação do grupo de fator idade no uso da variante PPC *versus* a variante PPS

Grupo de fator	Aplicação/Total	Percentual	Peso relativo
Jovens	43/208	20,7%	0.630
Adultos	33/160	20,6%	0.594
Mais velhos	14/232	6%	0.323

Fonte: Elaborada pelos autores

Inicialmente, pode-se observar que os jovens apresentam o maior peso relativo, com 0.630, em seguida os adultos, com 0.594 e por último, os mais velhos, com 0.323. Conclui-se com isso, que os jovens possuem a maior significância em relação à utilização da variante PPC.

Um caso curioso que se pode chamar atenção é o fato de alguns trabalhos nos estudos do PPC, considerarem o espanhol americano como hegemônico, ou seja, considera-se o espanhol falado em todos os países da América como sendo padronizado em todos os lugares, como é posto nos estudos de Gili Gaya (1970), RAE (1986), Gómez Torrego (2002), Alarcos Llorach (2005) e Howe e Schwenert (2003).

Por isso, este estudo e outros como Fontanella de Weinberg (2004), Dias (2004) Aleza Izquierdo e Enguita Utrilla (2010) e Jara Yupanqui (2013) vão contra a afirmação de haver

uma hegemonia no espanhol da América, demonstrando que em cada um dos países hispanofalantes há um comportamento diferente para a variante composta do PPC.

Vale ressaltar que o PPC aparece com frequência expressivamente menor que o PPS (15%), entretanto, estudos mais recentes mostram que esses números estão mudando conforme são feitas mais pesquisas.

Por outro lado, pode-se observar que o uso do PPC está não só mais frequente entre os mais jovens e adultos como também são eles os responsáveis pela possível futura mudança em curso. Isso ocorre, pois, analisar a variação considerando esses grupos de idade, quer dizer, a partir de um estudo em tempo aparente, permite que se possa compreender o futuro e fazer previsões sobre o futuro.

Nesta pesquisa, os resultados mostram o aumento da presença da variante inovadora, neste caso a forma perfectiva composta de passado, dá-se de forma expressiva principalmente na primeira faixa etária, com uma frequência de 20,7%, em seguida pelo grupo de adultos, com 20,6%, e por último, com 6%, os mais velhos.

Considerações finais

Esta pesquisa deteve-se no estudo da variação entre as formas perfectivas de pretérito Pretérito Perfecto Simple e Pretérito Perfecto Compuesto no espanhol oral de Montevideu, capital do Uruguai. Com o intuito de finalizar este trabalho, retomaremos o exposto anteriormente, apontando desde as considerações iniciais à análise e discussão dos dados, ainda apontando suas contribuições e sugerindo futuras pesquisas.

Ressaltam-se as lacunas que este estudo preenche, tendo em vista que há uma grande escassez de trabalhos aprofundados na área de Variação e Mudança do Pretérito Perfecto Simple e Pretérito Perfecto Compuesto no Uruguai, como apontado por Jara Yupanqui (2013).

Das categorias de análise escolhidas (sexo, faixa etária, nível de instrução, tipo de verbo, tipo de discurso e modalidade), apenas faixa etária, tipo de verbo e modalidade se apresentaram como significantes estatisticamente para a variação. Baseando-se nos estudos expostos anteriormente, como Fontanella de Weinberg (2004), Aleza Izquierdo e Enquita Utrilla (2010), acreditava-se que o PPS teria uma frequência maior do que o PPC. Assim, chegamos aos seguintes números: com um total de 600 ocorrências, sendo 510 ocorrências (85%) de Pretérito Perfecto Simple e 90 ocorrências (15%) de Pretérito Perfecto Compuesto.

Também, hipotetizou-se que o PPS estaria acompanhado de verbos que expressassem situações mais dinâmicas e o PPC a verbos que expressam situações de estado. Entretanto, os dados colocam com mais aplicação em verbos de culminação, com 56%, por outro lado o peso relativo tendência a variação para verbos de processo culminado, 0.469.

Com relação à modalidade, acreditava-se que os falantes tendessem a usar o PPS com valor de certeza (*realis*), enquanto utilizariam o PPC com valor de incerteza (*irrealis*). Neste ponto, os dados apresentam duas situações distintas, a forma *irrealis* realmente tendenciou-se ao uso de PPC, já que entre as ocorrências de *irrealis*, 54,9% indicam uso do PPC. Entretanto, o peso relativo coloca como mais propenso a variação a forma *realis*, com 0.454.

A faixa etária foi o único condicionamento social que demonstrou significância estatística para a variação, demonstrando que os jovens teriam uma tendência pouco mais expressiva que os adultos e muito mais expressiva do que os mais velhos. Assim, poderíamos concluir que, apesar de o PPC ser exposto como não usado na América, ele começa a ser introduzido nos países americanos, como hipotetizado inicialmente neste estudo e exposto em outros trabalhos (Jara Yupanqui, 2013; Dias, 2004).

As demais categorias de análise, tipo de discurso, sexo e nível de instrução demonstraram não ter uma significância estatística para o programa, entretanto, foram feitas considerações sobre estas categorias.

Finalizando este trabalho, leva-se em consideração que algumas lacunas foram preenchidas, como a falta de bibliografia que tratasse sobre o *Pretérito Perfecto Simple* e *Pretérito Perfecto Compuesto* na oralidade do Uruguai, mais especificamente, Montevidéu. A escassez de estudos na área foi uma das grandes dificuldades de desenvolvimento nas pesquisas, sendo muitas vezes amparados pelo trabalho de Jara Yupanqui (2013), que se foca nas descobertas dessa variação no Peru e tenta fazer um panorama em outros pontos da América.

Além disso, corrobora para uma visão nova de mudança em relação ao uso do *Pretérito Perfecto Compuesto* na América, tendo em vista que estudos mais antigos apontavam a inexistência deste tempo verbal na América. Aqui podemos observar que sim, há uma introdução dele no contexto do espanhol americano, ainda que seja introduzida entre as gerações mais novas. Corroborando para uma atualização em gramáticas e livros didáticos.

Por fim, recomenda-se um estudo mais aprofundado desta variação observando novos pontos, como acrescentar o estudo das funções de cada um dos tempos e seus usos dentro das comunidades de fala, voltado para a área de Sociofuncionalismo.

Também, pode ser sugerido um estudo estilístico do corpus, observando que as entrevistas contam com dados suficientes, como sexo, faixa etária e nível de instrução tanto do entrevistador quanto do entrevistado.

Referências

- ALARCOS LLORACH, E. **Gramática de la lengua española**. Madrid: Espasa-Calpe, 1994.
- ALCAINE, A. ¿Son compatibles los cambios inducidos por contacto y las tendencias internas al sistema? In: SCHRADER-KNIFFKI, M.; GARCÍA, L. M. (orgs.). **La Romania en interacción: entre historia, contacto y política - ensayos en homenaje a Klaus Zimmermann**. Frankfurt am Main: Vervuert, 2007. p. 263-284.
- ALEZA IZQUIERDO, M.; ENGUITA UTRILLA, J.M. **La lengua española en América: normas y usos actuales**. Valencia [España]: Universidad de Valencia, 2010.
- BELLO, A. de. **Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos**. Santiago de Chile: Imprenta del Progreso, 1847.
- CEZÁRIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.
- COAN, M. **Anterioridade a um ponto de referência passado: pretérito (mais-que-) perfeito**. 1997. 177f. Dissertação (Mestrado em Letras/Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.
- COAN, M. **As categorias tempo, aspecto, modalidade e referência na significação dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito: correlações entre função(ões)–forma(s) em tempo real e aparente**. 2003. 238 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.
- COELHO, I.; GÖRSKI, E. M.; SOUZA, C. M. N. de; MAY, G. H. **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.
- COMPANY, C. ¿Qué es un cambio lingüístico? In: COLOMBO, F.; SOLER, M. A. (coords.). **Cambio lingüístico y normatividad**. México: UNAM, 2003. p. 13-32.
- COMRIE, B. **Aspect**. 3 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.
- COSTA, S. B. B. **O aspecto em português**. São Paulo: Contexto, 1990.
- COUPLAND, N.; JAWORSKI, A. (orgs.). **Sociolinguistics: the essential readings**. Oxford: Blackwell, 2003.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- DIAS, L. S. **Uma leitura semântico-pragmática da oposição Pretérito Simple/Pretérito Compuesto no espanhol da América**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.
- DUARTE, D. K. F.; COAN, M.; PONTES, V. de O. A variação entre o pretérito perfeito simples e o pretérito perfeito composto no espanhol argentino. **Signo y Señal**, Buenos Aires, p. 91-107. set. 2016.
- DUBOIS, S.; VOTRE, J. S. Análise modular e princípios subjacentes do funcionalismo linguístico. In: VOTRE, J. S. (Org.). **A construção da gramática**. Niterói: Editora da UFF, 2012. p. 49-71.

FONTANELLA DE WEINBERG, M. B. **El Español de la Argentina y sus variedades regionales**. Bahía Blanca: Editora de la Asociación Bernardino Rivadavia, 2004

FREITAG, R. M. K. **A expressão do passado imperfectivo no português: variação/gramaticalização e mudança**. 239 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

GARCÍA FERNÁNDEZ, L. **El aspecto gramatical en la conjugación**. Madrid: Arco/Libros, 1998.

GARCÍA FERNÁNDEZ, L. **Diccionario de perífrasis verbales**. Madrid: Gredos, 2006.

GILI GAYA, S. **Curso superior de sintaxis española**. 9 ed. Barcelona: Biblograf, 1970.

GIVÓN, T. Tense-Aspect-Modality. In: **Syntax: a functional-typological introduction**. v.1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1984. p. 269-320.

GIVÓN, T. **Syntax: a functional-typological introduction**. v. 2. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1990.

GIVÓN, T. **Functionalism and grammar**. Philadelphia: J. Benjamins, 1995.

GIVÓN, T. **Syntax: an introduction**. Amsterdam: J. Benjamins, 2001.

GIVÓN, T. **Context as other minds: The pragmatics of sociality, cognition and communication**. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005.

GUY, G. A identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialeto nos padrões linguísticos. **Organon**, v. 14. p. 17-32, 2000.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola, 2007.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold, 1985.

HARLEY, B.; SWAIN, C. **An análisis of the verb system used by young learners of French**. Interlanguage studies bulletin, 1978. p. 35-79.

HENDERSON, C. **La referencia genérica del Pretérito Perfecto Compuesto en ejemplos de Uruguay, Paraguay y Chile**. Actas del XV Congreso Internacional de la ALFAL, CD-Rom, Montevideo, Uruguay, 2008.

HENDERSON, C. **El Pretérito Perfecto Compuesto del español de Chile, Paraguay y Uruguay**. Aspectos semánticos y discursivos, Estocolmo, Universidad de Estocolmo, 2010.

HENDERSON, C. Summary and sequential scanning in the Compound and Simple Past of Chilean and Uruguayan dialects of Spanish. In: FRYD, M.; GIANCARLI, P. (eds.). **Aorists and Perfects: Synchronic and Diachronic Perspectives**. Leiden/Boston: Brill, 2017. p. 79-109.

HENGVELD, K. Illocution, mood and modality in a functional grammar of Spanish. **Journal of Semantics**, v. 6, p. 227-269, 1988.

HOWE, C.; SCHWENTER, S. Present perfect for preterite across Spanish dialects. **Penn Working Papers in Linguistics**, Philadelphia, v. 9, n. 2, p. 61-75, 2003.

ILARI, R. **A expressão do tempo em português**: expressões da duração e da reiteração, os adjuntos que focalizam eventos, momentos estruturais na descrição dos tempos. São Paulo: Contexto, 2001.

JARA YUPANQUI, M. **El perfecto en el español de Lima: Variación y cambio en situación de contacto lingüístico**. Perú: Fondo Editorial, 2013.

KANY, C. E. **Sintaxis hispanoamericana**. Madrid: Gredos, 1969.

LABOV, W. The social stratification of English in New York City. **Word**, v. 19, n. 3, p. 273-309, 1963.

LABOV, W. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. **Sociolinguistic Working Paper**, n. 44. Austin, Texas: Southwest Educational Development Laboratory, 1978.

LABOV, W. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972a.

LABOV, W. **Principles of linguistic change: internal factors**. Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, W. **Principles of linguistic change: social factors**. Oxford: Blackwell, 2001.

LABOV, W. **Principles of linguistic change: cognitive and cultural factores**. v. 3: Oxford: Wiley Backwell, 2010.

LOPE BLACH, J. M. **Sobre el uso del pretérito en el español de México**. México: UNAM, 1961.

LÓPEZ MORALES, H. **Sociolingüística**. 2 ed. Madrid: Gredos, 2004.

LOPEZ-ORTEGA, N. R. **Tense, aspect, and narrative structure in Spanish as second language**. Hispania: 2000.p. 488-502.

LYONS, J. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MARTIN, I. **Síntesis**: curso de lengua española. São Paulo: Ática, 2010.

MATTE BON, F. **Gramática comunicativa del español**: de la idea a la lengua. Madrid: Edelsa, 1995.

MILANI, E. M. **Gramática de espanhol para brasileiros**. São Paulo: Saraiva, 2006.

MORENO DE ALBA, J. G. **Valores de las formas verbales en el español de México**. México: UNAM, 1978.

MORENO-FERNÁNDEZ, F. **¿Qué español enseñar?** Madri: Arcolibros, 2000.

MORENO-FERNÁNDEZ, F. **La lengua en su geografía**. Madri: Arcolibros, 2010.

NOGUEIRA, M. T. Considerações sobre o funcionalismo linguístico: principais vertentes. In: **X Seminário do grupo de estudos Discurso e Gramática**. Linguística funcional: a interface linguagem e ensino. Natal: EDUFRRN/D&G, 2006, p.23-40.

OLIVEIRA, G. M. S. Coleta de dados. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012, p. 117-133.

OLIVEIRA, L. **As duas formas do pretérito perfeito em espanhol**: análise de corpus. Tese de Mestrado em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

PAREDES SILVA, V. L. Os gêneros de discurso na sociolinguística laboviana. **Boletim da ABRALIN**, Florianópolis, n. 23, p. 81-93, 1999.

PONTES, V. O.; SANTIAGO, E. Q.; SILVA, W. M. Os valores aspectuais explicitados na coleção didática vinte. **Hispanista** (edición española), v. XXV, p. 01-10, 2024a.

PONTES, V.O.; SANTIAGO, E. Q.; SILVA, W. M.; SILVA, V. S. F.; SILVA, M. F. B. Complexo TAM e ensino de E/LE: o tratamento dado aos tempos verbais em livros didáticos. **Revista eletrônica do GEPPELE**, v. 12, p. 42-57, 2024b.

PONTES, V.O.; FERREIRA, A. V. L.; MOREIRA, G. L. Una mirada sociolingüística sobre la concepción de lengua y de enseñanza de español como lengua extranjera en la colección didáctica veinte. **Boletín de La Asociación Para La Enseñanza Del Español Como Lengua Extranjera Asele**, v. 71, p. 41-50, 2024c.

PONTES, V. O. **Abordagem das categorias verbais de tempo, aspecto e modalidade por livros didáticos de língua portuguesa e de língua espanhola**: uma análise contrastiva. Monografia apresentada no Curso de Especialização em Linguística Aplicada da Faculdade 7 de setembro, Fortaleza, 2009.

PONTES, V. O. **O pretérito imperfeito do indicativo e as perífrases imperfectivas de passado em contos literários escritos em espanhol**: um estudo sociofuncionalista. 2012. 265f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2012.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA (RAE). **Esbozo de una nueva gramática de la lengua española**. Madrid: Espasa, 1986.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA (RAE). **Nueva gramática de la lengua española**. Madrid: Espasa-Calpe, 2010.

ROJO, G. Relaciones entre temporalidad y aspecto en el verbo español. In: BOSQUE, I. (ed.). **Tiempo y aspecto en español**. Madrid: Cátedra, 1990. p. 17-43.

SMITH, C. **The Parameter of Aspect**. Dordrecht, Boston, Londres: Kluwer Academic Publishers, 1997.

SPULDARO, E. R. **A aquisição de distinções aspectuais em Português como segunda língua por falantes nativos de Inglês**: o exemplo dos pretéritos perfeito e imperfeito. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2005.

TAVARES, M. A. **A gramaticalização de é, aí, daí e então**: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um

estudo sociofuncionalista. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

TAVARES, M. A. **A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO**: variação e mudança em uma perspectiva sociofuncionalista. Natal: EDUFRN, 2013.

TAVARES, M. A. O papel do gênero textual na variação estilística: em busca de padrões comunitários. **Revista do GELNE**, [S. l.], v. 14, n. 1/2, p. 239–257, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9372>. Acesso em: 20 set. 2025.

VENDLER, Z. Verbs and times. **The Philosophical Review**, v. 66, n. 2, p. 143–160, 1957.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. Tradução de: *Empirical Foundations for a Theory of Language Change*, 1968.

Sobre os autores

Kevyn de Araújo Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9352-2462>

Licenciatura em Letras-Português/Espanhol pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre e doutorando em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Pesquisador do grupo de pesquisa Línguas e História (CNPq). Professor de espanhol da Secretaria de Educação do Ceará.

Valdecy de Oliveira Pontes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8183-9259>

Pós-doutorado em Estudos da Tradução (UFSC) e em Educação (UFC), doutorado em Linguística (UFC), mestrado em Linguística Aplicada (UECE), licenciatura em Letras – Português-Espanhol (UFC). Professor do Curso de Letras-Espanhol (UFC) e do Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGLing – UFBC. Um dos líderes do grupo de pesquisa Línguas e Histórias (CNPq).

Recebido em abr. 2025

Aprovado em mai. 2025